



ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, MAIO DE 2013 - ANO XXXII, NÚMERO 2

JOVENS DE FÉ

Diferente da maioria, eles optam pela vida religiosa e valores tradicionais

PÁGINAS 8/9



CONEXÕES



Parto humanizado valoriza decisão da mulher antes e durante o nascimento

PÁGINA 10

ZERO ENTREVISTA



Organizadora da Parada Gay, Selma Light fala de direitos e sua transformação

PÁGINAS 4/5

REPÚBLICA

Diálogo e infraestrutura dividem opiniões no primeiro ano de Roselane

PÁGINA 6

Laboratório de comunicação pública

O tema comunicação pública, quando pautado pela mídia comercial, é orientado no sentido de levar ao público a ideia de que isso é sinônimo de comunicação governamental. Afinal, por que o governo quer investir em um sistema de comunicação quando há tanto por fazer em infraestrutura e assistência social, os verdadeiros negócios do Estado? Informação, cultura, jornalismo e entretenimento, no entender dos donos da mídia, são atividades que devem ser exercidas por quem é do ramo (e sem interferência do Estado).

O ZERO, dedica uma das páginas ao início das transmissões em

sinal aberto da TV UFSC: oito horas de programação dentro da grade da TV Brasil, que, com essa parceria, chega à Grande Florianópolis. Há muito tempo não tínhamos uma TV pública com acesso gratuito. O impacto, no sistema de comunicação social, somente será sentido a longo prazo. Mas, de imediato, já temos um canal para veicular conteúdos de interesse público, mesmo quando não são rentáveis.

Claro, há outros modelos de sistemas públicos de comunicação independentes do Estado ou de governos. Mas o público tem o direito de escolher o conteúdo e de acessar as mais diferentes visões sobre fatos e feitos, sejam obras de governantes ou de grupos em-

presariais. O que define a independência de um veículo de comunicação é o conteúdo publicado.

O ZERO, nesse sentido, tem servido, também, como um laboratório de comunicação pública e independente. Pública, por ser mantido por recursos de uma universidade federal; independente, por publicar os fatos, mesmo quando as versões contradizem as notícias oficiais da instituição de ensino que o abriga e que o mantém. Cabe ao leitor do ZERO, bem como ao espectador da TV UFSC e TV Brasil, o direito de ouvir todas as vozes que agora têm vez e, assim, ter mais base para julgar o que é comunicação pública e o que é comunicação governamental.

OPINIÃO

Onde o leitor tem voz

A luta pelas vagas do NDI para estudantes com vulnerabilidade socioeconômica é uma luta nossa e do movimento estudantil da UFSC. Foi através da organização dos pais das mães, apoiadas por esta e por outras gestões de DCE. Muito me entristece ver toda a nossa história atribuída a pessoas ou grupos que foram meros coadjuvantes e ou/apoiadores. O valor da bolsa auxílio-creche é de R\$ 411 a 683,00 (meio período e integral).

Maria Aparecida
(Grupo de Mães e Pais da UFSC – Florianópolis)

Nota da Redação: A leitora tem razão quanto ao valor da bolsa com o reajuste passou a R\$ 412 (meio período). O DCE é a entidade que fala pelos estudantes da UFSC, no tempo presente.

Que alívio ver essa reportagem sobre as deficiências do auxílio permanência. Afinal fazer só chá de panela não é o suficiente, né? Parabéns pela edição, pessoal!

Larissa Cabral, jornalista,
Florianópolis



Os professores Daniel Herz (E) e Adelmo Genro Filho legaram uma obra notável, cujo reconhecimento atravessou três décadas, deixando marcas profundas na história do Departamento de Jornalismo



OMBUDSMAN

Mário Pereira*

Entre falhas e acertos, uma nota 10

Confesso ter ficado agradavelmente surpreso com a qualidade da edição anterior do "Zero" (abril/2013), que li com atenção do começo ao fim. Relutei em aceitar a pouco simpática função de ombudsman e só o fiz, a convite de alguns professores do Curso de Jornalismo, com o intuito de colaborar com a formação dos nossos futuros profissionais. E é neste sentido e com este objetivo que faço os comentários abaixo.

Como diria aquela personagem do musical A Noviça Rebelde, "começamos pelo começo". Pela capa. Como vocês sabem, e a experiência ensina, a capa é decisiva na hora de definir a compra de um jornal nas bancas. Ela é a "cara" da publicação. E também define sua linha e seu caráter.

Nesta trilha, considerei apropriados ao jornal os assuntos chamados na capa, principalmente a "manchete" sobre a moradia estudantil, tema de real interesse para a comunidade universitária. Mas faço um reparo à foto: "aberta" em demasia (ocupa a página quase por inteiro), "esmagando" as outras três chamadas. A foto foi evidentemente posada, o que deve ser evitado. Ademais, o casal está de costas, o que causa estranheza. Melhor seria usar fotos com movimento, fotos que capturem o ambiente, tal como a foto usada para ilustrar a matéria na página 8. Sugiro mais fotos e mais chamadas na capa da próxima edição.

A grande entrevista com o tradutor alemão Berthold Zilly, publicada nas páginas 4 e 5 foi muito bem direcionada (fez perguntas interessantes) e redigida. Mas também pecou na edição: seis fotos do mesmo cidadão (com a mesma roupa) espalhadas no corpo da entrevista é uma demasia que não faz sentido. Ao leitor mais experiente passa a impressão que faltou texto e as fotos foram usadas para "tapar" buracos.

Texto e edição da página 11, com a matéria sobre a readaptação de animais maltratados, merecem nota 10. Muito informativa e sensível. Excelentes as quatro fotos que a ilustram. Muito bem editadas. Finalmente, destaco a revisão do jornal, que assegurou textos "legíveis" e "limpos". Fiquemos por aqui desta vez.

Para fim de papo, alinho aquelas que considero as maiores "virtudes" de um texto jornalístico: objetividade, clareza, concisão (tudo o que puder ser escrito claramente com 10 palavras não deve ser escrito com 20), e precisão, que é a "mãe da credibilidade".

Até a próxima.

*O jornalista Mário Pereira é editor de Opinião do Diário Catarinense e foi eleito em 2008 para a cadeira nº8 da Academia Catarinense de Letras.

PARTICIPE!

Envie críticas, sugestões e comentários

E-mail - zeroufsc@gmail.com

Telefone - (48) 3721-4833

Facebook - facebook.com/jornalzero

Twitter - @zeroufsc

Cartas - Departamento de Jornalismo

Centro de Comunicação e Expressão

UFSC - Trindade Florianópolis (SC)

CEP: 88040-900

ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO Ano XXXII - Nº 2 - Maio de 2013 **REPORTAGEM** Ana Paula Mendes, Brenda Thomé, Bruno Batiston, Camila Hammes, Camila Peixer, Carolina Lisboa, Derlis Cristaldo, Emanuelle Nunes, Fernanda Pessoa, Francisca Nery, Galeno Lima, Jéssica Trombini, João Schmitz, José Huntemann, Júlia Lindner, Kadu Reis, Marcela Borges, Mariana Moreira, Marília Marasciulo, Merlim Malacoski, Nadine Lopes, Nayara Batschke, Pâmela Carbonari, Paula Salvador, Rafael Gomes, Thayse Stein **EDIÇÃO** Alexandre Brandão, Ana Paula Mendes, Bianca Amorim, Carolina Lisboa, João Schmitz, Marília Marasciulo, Merlim Malacoski, Stefany Alves **EDITORIAÇÃO** Camila Hammes, Ingrid Fagundes, Luísa Pinheiro, Merlim Malacoski **FOTOGRAFIA** Brenda Thomé, Camila Peixer, Jéssica Trombini, José Huntemann, Kadu Reis, Laís Souza, Marcela Borges, Merlim Malacoski, Paula Salvador **CAPA** Paula Salvador **INFOGRAFIA** Lucio Baggio **APOIO** Elaine Manini, Luíza Martin, Samira Moratti (NAPG/PosJor) **PROFESSORES-RESPONSÁVEIS** Ângelo Ribeiro 6504/27/26vRS e Samuel Lima MTb/SC 00383 **MESTRANDO EM ESTÁGIO** **DOCÊNCIA** Lucio Baggio **MONITORIA** Ingrid Fagundes, Luísa Pinheiro **IMPRESSÃO** Diário Catarinense **TIRAGEM** 5 mil exemplares **DISTRIBUIÇÃO** Nacional **FECHAMENTO** 22 de maio

★
Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000

★
3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994

★★★★★
Melhor Peça Gráfica Set Universitário / PUC-
RS 1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998

Principais passarelas da Capital recebem reforma emergencial

Empresas têm até 90 dias para conclusão das obras

Seu objetivo é facilitar a travessia das vias de tráfego intenso e reduzir o número de atropelamentos. Mas sem manutenção adequada, as passarelas de pedestres deixam de ser uma solução e se tornam mais um problema no trânsito das cidades. A situação em Florianópolis não é diferente.

A restauração das passarelas da cidade teve início em maio e vai custar aproximadamente R\$ 450 mil. As reuniões entre o Ministério Público e a Secretaria Municipal de Obras ocorrem desde o início do ano. Um dos principais pontos de pauta do encontro do dia 10 de janeiro foi a manutenção da passarela que fica em frente ao Terminal Rodoviário Rita Maria, construída em 1987 e que nunca passou por reformas.

No dia 12 de março, a prefeitura anunciou a abertura de licitação para a restauração das passarelas, acatando a recomendação do Ministério Público para que as obras fossem realizadas em 120 dias. Não foi a primeira vez que as reformas foram solicitadas. Em 2011, o promotor Daniel Paladino instaurou um inquérito civil apontando a necessidade de manutenção, mas nenhuma obra foi realizada. "Decidimos aguardar até que o novo governo assumisse. Entrar com uma demanda judicial pode demorar três, quatro anos para ser resolvido. Se podemos resolver pela via administrativa não tem por que recorrer de imediato à via judicial", explica Paladino.

Dessa vez, a recomendação do Ministério Público veio logo depois de um acidente. No início de março, a grade de proteção da passarela de-

frontera ao shopping Iguatemi, no bairro Santa Mônica, cedeu e um garoto de 13 anos caiu da escada de acesso. O adolescente machucou a cabeça e rompeu os dois pulsos, mas teve alta no dia seguinte. Já a passarela recebeu uma proteção emergencial nas barras do guarda-corpo. "Esse foi um fato capital para que a gente realmente tomasse providências mais energéticas" afirma o promotor Daniel Paladino.

Além da passarela do Iguatemi, serão reformadas também as do Terminal Rodoviário Rita Maria; as duas que compõem o Elevado Wilson Kleinubing, próximo ao Centro Integrado de Cultura (CIC) e a que dá acesso ao

Estrutura em frente ao Rita Maria tem 26 anos e nunca passou por reforma

Centro Sul. Estas cinco passarelas de pedestres são as que estão sob responsabilidade da Prefeitura. A manutenção das outras cabe ao Governo de Santa Catarina, pois estão localizadas em rodovias estaduais.

Na época das reuniões entre a prefeitura e o Ministério Público, o engenheiro Bernardo Tasso fez uma análise das passarelas a pedido de um jornal da cidade. Tasso explica que a fragmentação do concreto, os guarda-corpos e corrimões de ferro danificados foram os principais problemas encontrados. Na do Centro-Sul também há desníveis nas rampas

de acesso. A situação mais crítica foi percebida na passarela da rodoviária: além da corrosão, a estrutura apresenta buracos nas placas de piso. "A necessidade de reforma é urgente. A passarela poderia ser inclusive interditada, pois o risco de desabamento parcial das placas de concreto do piso é grande", diz o engenheiro. A necessidade de interdição, porém, foi descartada pela Defesa Civil Municipal. "Não havia risco eminente de queda das passarelas, o problema era a manutenção", afirma o agente da Defesa Civil Marcos Leal que realizou a vistoria no local.

Segundo João Amin, foi preciso realizar pequenas reformas emergenciais. "Tivemos que serrar a parte de metal do guarda-corpo porque havia o risco de cair em cima dos carros e da população. E aí fazer o trâmite legal para a contratação da empresa." O resultado da licitação saiu no dia 16 de abril. No caso da passarela do Rita Maria, a empresa vencedora foi a Avalios Engenharia e Avaliação, de São José, que tem 60 dias de prazo para conclusão do trabalho. A empresa Zampiron Reformas e Construções, de Florianópolis, vai realizar a reforma da estrutura em frente ao Iguatemi e tem 60 dias para restaurá-la. Ela também venceu a concorrência para o Elevado Wilson Kleinubing e tem 90 dias para concluir as obras das duas passarelas.

A montagem das estruturas para o início das reformas começou no dia 10 de maio. O processo de licitação para obras na passarela do Centro Sul ainda não está concluído.

Merlim Malacosi
merlimiriane@gmail.com



Passarela do Terminal Rita Maria, construída em 1987, é a mais precária



Corrosão na estrutura e buracos no piso tornam travessia perigosa

Reformas das passarelas

	RITA MARIA	IGUATEMI	CIC	CENTRO SUL
Principal problema	Corrosão do guarda-corpo, buracos nas placas de piso	Corrosão do guarda-corpo	Corrosão do guarda-corpo	Desníveis nas rampas de acesso
Valor da obra	R\$ 283.005,66	R\$ 60.755,79	106.079,17	-
Empresa	Avalios Engenharia e Avaliação	Zampiron Reformas e Construções	Zampiron Reformas e Construções	A licitação ainda está em andamento
Prazo de entrega	60 dias	60 dias	90 dias	-

“Com vocês, sou eu, meu amor, Selma Light! Carne branca e nutritiva: pode comer que não engorda!” É assim que a transexual de 34 anos começa o seu show. A carreira de uma das *drag queens* mais famosas do Brasil começou em 1993, em Santa Vitória do Palmar (RS), sua cidade natal. De lá para cá, a atriz de teatro se tornou locutora de rádio, repórter de TV, organizadora da Parada da Diversidade de Florianópolis e referência na luta em defesa dos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT). Na entrevista para o **Zero**, Selma fala de sua transexualidade, da carreira artística e da causa gay.



Do teatro aos palcos da militância gay

A atriz Selma Light organiza a Parada da Diversidade na capital e defende os direitos LGBT

Sua formação é basicamente em teatro. Como se envolveu no meio?

Comecei em 1993 fazendo teatro em escolas, voltado para crianças e adolescentes. Nosso grupo viajava entre Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Em 1998, acabamos vindo morar em Florianópolis porque acreditávamos que era o meio do caminho e também um pólo cultural. As coisas começaram a desandar, o pessoal se desmembrou, uns foram embora e eu decidi que ia ficar. Acabei largando o teatro.

Como você voltou aos palcos?

Eu comecei a dividir apartamento com o dono de uma casa noturna daqui, o Mix Café, e a namorar um menino que eu não sabia que era *drag queen*. No dia do meu aniversário, em 2000, eles falaram que iriam me montar, colocar peruca, roupa... No começo eu não queria, falei que era ator e não gostava daquele tipo de coisa, mas acabei aceitando. O dono da boate ficou louco quando me viu no palco, disse que eu era uma *drag* pronta e me convidou para um concurso de *hostess*. Resisti de cara, mas quando soube que o prêmio era de R\$ 300, aceitei (risos). Em menos de um ano, as coisas foram tomando uma dimensão gigantesca.

O que mudou?

O DJ do Mix Café me chamou para gravar uma música com meus bordões. “Escândalo” tocou Brasil a fora, as boates de todo o país me chamaram para cantar e fazer *stand up*. Dali foi surgindo oportunidades... Comecei a trabalhar na TV, num quadro do programa “Opção C”. Depois que criei independência, tive um programa chamado “Night Sex TV”, que falava sobre sexo na madrugada, nas ruas e casas noturnas. Também fiz um programa de rock chamado “Crash”. Hoje eu trabalho na rádio, no “Fashion Pan”, um programa de moda, nada a ver com o público gay. Estou voltando para a TV com o quadro “Lado Averso” no programa “Olhares”, nele eu mostro o meio gay da forma real, não o que as pessoas imaginam. E estou lançando uma música nova, o “teaser” estourou, teve dois mil acessos em menos de uma semana!

Você começou a se envolver nos movimentos sociais em Florianópolis no final de 2004. O que te levou a assumir uma posição mais ativa?

Como trabalho com o público e represento a classe gay, tenho minha imagem ligada à causa. Trabalho na porta da boate recepcionando

peessoas. Eu via casos de pessoas que eram postas para fora de casa, sofriam preconceito no emprego e nas ruas por serem diferentes. Eram pessoas talentosas, superinteligentes e sensíveis, que poderiam estar ocupando espaços incríveis e, por causa de um preconceito, acabavam se fechando e até mesmo privando a sociedade de ter um bom profissional. Em 2005, comande o primeiro Seminário da Diversidade, que deu origem à Parada Gay. Fui para frente da Parada, ganhei uma popularidade enorme e estou comandando todos os anos desde então.

Como foi sua infância? Você sempre soube que era diferente?

Eu nunca gostei de nada masculino, não suportava ficar perto dos homens. Quando eu tinha oito anos, meus pais perguntaram de quem eu gostava e eu disse “do menino fulano de tal”. Eles levaram um choque! Fomos ao psicólogo e eu tive uma assistência incrível. O psicólogo tem um papel fundamental, é ele quem guia a criança e educa os pais. Foi uma fase bem difícil. Não falava com ninguém, virei uma criança re-

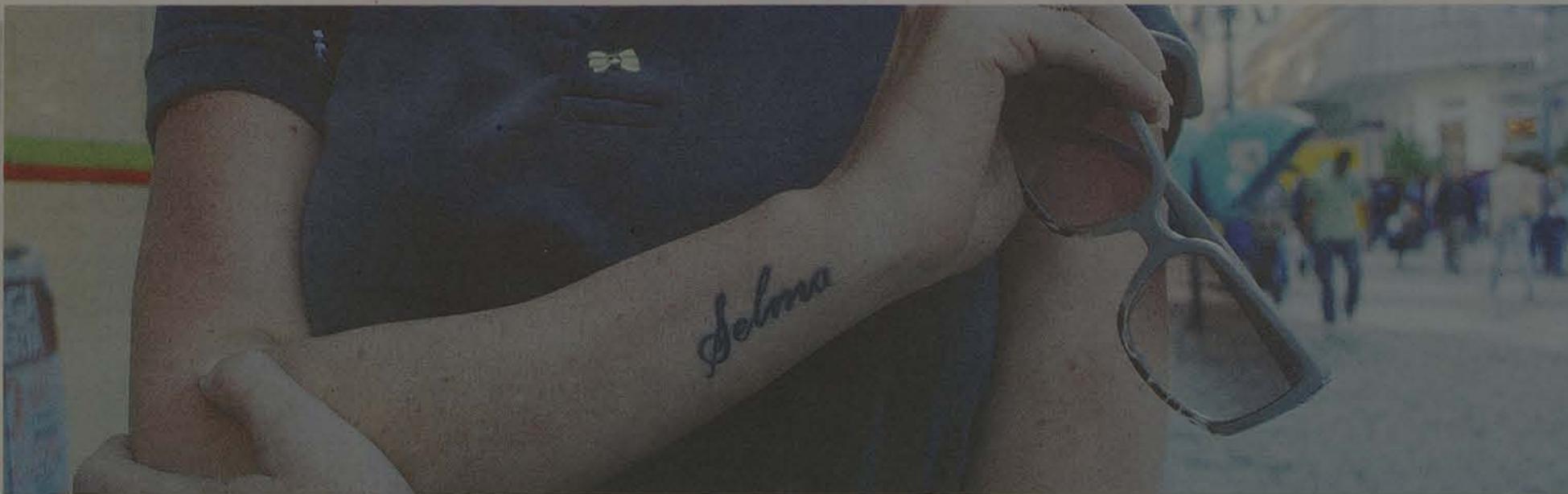
clusa. Reprovi a primeira série porque não falava! Meus coleguinhas iam falar com a professora e ela não sabia como lidar com aquela criança diferente. Eu acho que deveria ter uma formação para os profissionais lidarem com esse tipo de criança, porque não adianta, não se vira gay, se nasce! A adolescência foi terrível... Ninguém se aceita nessa fase. Eu me questionava, sofria preconceito e achava que quando fizesse 18 anos iria passar. Tentei me relacionar com meninas, mas não rolava, virávamos amigas (risos). Meu primeiro beijo com menino foi aos 18 anos, com um colega de teatro, passando texto no camarim. Aí veio um nó na cabeça, fiquei semanas pensando que aquilo estava errado.

Em 2006 você começou sua transformação.

Como foi esse processo de assumir sua transexualidade?

Assumir ser gay é uma coisa, assumir a transexualidade é outra, porque aí você sabe o que é, mas não sabe como lidar com isso, com a sociedade. Eu era ator literalmente, tinha que fingir 24 ho-

Minha mãe disse: se quer ser mulher, seja, mas desempenhe um papel na sociedade



ras uma coisa que não era. Comecei a trabalhar como *drag*, a me sentir mulher, aflorou! Foi um caminho natural, porque quando a gente se entrega para o trabalho a gente muda algumas coisas e acaba virando aquela coisa meio andrógina, não sabe bem em que avatar está se formando (risos). Um dia minha mãe veio me visitar e disse que eu não era aquele tipo de pessoa, introvertida, fechada, e sim aquela moça que saía à noite, soltava o cabelo e usava maquiagem. Ela colocou todas as minhas roupas num saco, disse que ia doar para a igreja e que nós íamos fazer compras. Ela disse: "Quer ser mulher, então seja. Mas seja uma mulher discreta, que tem um papel na sociedade e se mostre de uma forma bonita para as pessoas". Demorou um ano para eu assumir minha identidade. Comecei o tratamento com hormônios, fiz cirurgia de glúteos, coloquei silicone nos seios, faço laser todo mês para não ter pelo no rosto... A pessoa tem que se adaptar o máximo ao corpo em que ela se imagina. Hoje eu sou bem tranquila quanto a isso. Não me encaixo nas mulheres, mas não me encaixo nos homens. Eu sei o que sou, me encaixo numa figura feminina.

Então você não fez a cirurgia de troca de sexo?

Não e nem pretendo. Conheço tanta gente que faz e se arrepende. Pessoas que têm convicção, que não conseguem se olhar, se tocar. Aí depois voltam atrás. É uma mutilação irreversível. Eu sou muito bem resolvida quanto a isso.

O seu nome civil ainda é seu antigo nome de batismo. Como você escolheu Selma Light? Pretende torná-lo oficial?

Eu quero mudar meu nome, mas é uma questão social mesmo, ninguém me chama de Aurélio, nunca me identifiquei com esse nome. Já estou entrando com processo, inclusive. Tatuei o Selma para não ter perigo (risos). A escolha do meu nome é em homenagem a um grande amigo hétero que tive. Nós éramos inseparáveis. Tinha aquele filme "Telma & Louise", sobre o

máximo da amizade de duas pessoas, e eu sempre dizia que nós seríamos a versão brasileira daquele filme, "Selma e Luísa" (risos). Quando fui escolher o nome lembrei disso... E o sobrenome tinha que ser engraçado. Eu era magra, branca e morava com um amigo que vivia de regime. Um dia ele foi fazer compras sozinho e só comprou coisas *light*! Eu odeio tudo que é *light* e *diet*! Aí eu falei "Meu Deus, vou virar Selma Light, porque já sou seca e branca, comendo isso aí vou desaparecer!".

Desde a primeira Parada da Diversidade, em 2005, Florianópolis vem se tornando um polo turístico LGBT, tanto que a cidade é considerada a terceira capital Gay Friendly do país. O que falta para Florianópolis evoluir nesse sentido?

Primeiramente falta conscientização do poder público, eles não dão valor a isso. No verão só tem gay aqui, o Brasil e a Argentina inteiros vêm para cá e eles não se conscientizam do grande potencial do mercado gay. É um nicho que poderia ser melhor explorado. Os hotéis, por exemplo, poderiam ter um treinamento para receber melhor esse turista, que é exigente, preza pelo melhor e gasta muita grana. Não é que eles sejam ricos, mas não têm filhos, a maioria estudou muito, tem um bom emprego e o dinheiro que têm é para gastar com eles mesmos. Para ser bem sincera, não considero a sociedade florianopolitana tão preconceituosa. A gente vê gays andando na rua de mãos dadas sem problemas nenhum, as pessoas respeitando. A Parada Gay está aí para provar isso, mesmo com problemas do poder público não querer apoiar, como nos primeiros anos, a sociedade estava lá apoiando.

Você fala que a Parada da Diversidade não é só um "Carnaval". Qual é a real importância dela?

A Parada foi criada através de um debate, então nada melhor do que tirar uma semana para falar sobre o assunto. A cada ano se escolhe um tema e fecha-se um teatro para as pessoas irem debater. Neste ano, foi debatida



Antes o casamento era só um contrato, agora não. Vamos comprar uma casa juntos? Sai no nome dos dois

adoção e transexualidade, por exemplo. O importante é que as pessoas saibam dos direitos que têm. Muita gente não sabia que tinha direito de mudar o nome social, por exemplo. Então, abrir para esses debates, saber em que pé estão as coisas é o diferencial da Parada de Florianópolis.

No dia 29 de Abril, o Tribunal de Justiça do Estado autorizou o casamento entre pessoas do mesmo sexo em Santa Catarina, mas a união estável entre casais homoafetivos já era permitida desde 2011. Na prática, o que muda com essa última determinação?

Efetivamente muda. Antes era um contrato burocrático, agora não. Vamos comprar uma casa juntos? Sai no nome dos dois. Um é dependente do outro. Com a união estável isso não acontecia, era um processo muito mascarado. No caso da adoção, por exemplo, eu conheci duas meninas de São José que adotaram duas irmãs, casaram e as meninas têm o sobrenome das duas mães, elas têm esse direito, coisa que antes não acontecia. É uma grande diferença.

Tem sido debatido na Câmara a criação de um projeto de "cura gay" para autorizar o tratamento psicológico para alterar a orientação sexual de homossexuais. Depois de tantas conquistas na luta LGBT, a homossexualidade tratada com caráter patológico pode ser sinal de um retrocesso?

O projeto é ridículo. Mas vou ser bem sincera, os evangélicos dão as mãos, se unem, votam uns nos outros, lutam pelos direitos que eles acham que são deles. Eles não estão errados, eles acreditam nisso. Aí vêm com essa história de cura gay... Como eles são maioria, o meu maior medo é que eles consigam, vai ser um horror. Um absurdo isso nessa altura. Se as pessoas gays querem alguma coisa, precisam se conscientizar de que elas têm que se apoiar umas nas outras ao invés de se criticar.

Alguns estados possuem leis próprias contra a homofobia. Em Santa Catarina, a lei nº 7.961, criada em 2009, reconhece a liberdade de orientação sexual e sua manifestação, mas é dirigida apenas aos servidores públicos municipal. Desde 2006, o Projeto de Lei 122/06 (PLC122) busca a inclusão da homofobia na Lei de Racismo. Quais seriam os benefícios efetivos que mudanças na lei trariam para a sociedade?

Muitos! Qual a diferença que fez a Maria da Penha? Qual a diferença que fez a lei contra o racismo? Total. Por que a pessoa tá sendo presa? Porque foi racista com o rapaz que não tinha por que sofrer isso. Recentemente, no Rio de Janeiro, o cara discutiu com o homossexual, passou uma vez com o carro em cima do rapaz e não matou, passou mais duas e matou. Sabe como foi registrado isso? Crime sem motivo. Teve um motivo, homofobia. Mas como não é lei, como vão punir esse cara? Sem contar os casos que não explodem na mídia...

Você costuma falar que a educação é importante para conscientização. Para você, como isso deveria ser feito?

Acho que primeiro teria que ser na escola, na universidade. Como acontece na UFSC, eu acho incrível o quanto mudou depois que permitiram a mudança do nome social na matrícula. É uma coisa pequena que faz uma diferença tão grande! Quanta gente tinha medo de entrar na faculdade por causa disso? A primeira transexual a entrar na UFSC e fazer a troca de nome social passou pela maior aflição e, hoje, dá palestras, capacitação para professores, vai às escolas para trabalhar com alunos que passam por esses problemas. Ou seja, ela entrou na militância e começou a mudar as pessoas.

Francisca Nery
nery.francisca@gmail.com
Nayara Batschke
nayara.oliveira23@gmail.com
Pâmela Carbonari
pamelacarbonari@gmail.com



Reitora e vice defendem diálogo com entidades da universidade

Em meio às diferentes percepções da comunidade universitária sobre o primeiro ano de gestão, as professoras Roselane Neckel (Reitora) e Lúcia Pacheco (Vice-Reitora) receberam a reportagem do Zero para uma entrevista. Confira a síntese dos principais trechos da conversa.

Quais os principais problemas enfrentados ao assumir a reitoria?

Lúcia Pacheco: Assim que assumimos, com base no diagnóstico dos fóruns e ouvindo representantes de cada um dos campi, sabíamos que a situação mais crítica era a falta de espaço físico para garantir a infraestrutura necessária para os novos cursos Reuni. Havia um atraso na questão das obras e na contratação de professores para dar conta da expansão. A situação era bastante crítica, tínhamos mais de 50 mil m² de obras previstas que sequer haviam sido projetadas.

Que medidas foram tomadas em relação a falta de espaço físico?

Roselane Neckel: Em Florianópolis, por exemplo, na busca por um espaço para a clínica do curso de fonoaudiologia, conseguimos comprar – através de uma matriz orçamentária, ou seja, sem utilizar recursos da UFSC – um prédio em construção que receberá setores administrativos. Isso fará com que espaços importantes dos centros sejam liberados para a instalação de laboratórios em cursos como os novos de Design e o de Cinema, importantes no reconhecimento deles pelo Ministério da Educação.

O presidente do Andes sugere uma maior divulgação sobre o possível mau dimensionamento do projeto Reuni, como no que diz respeito à contratação de professores. Como vocês têm tratado essa questão?

RN: Sabemos que quando foi pactuado o projeto Reuni, há duas gestões, houve

pouca discussão interna e não foi feito de uma forma tão democrática, o que fez com que o dimensionamento não tenha sido efetivamente de acordo com as necessidades. Quando você pensa num projeto como esse precisa pensar para além da criação de cursos. Precisa pensar no espaço e na necessidade de professores. Há limites e eles estão principalmente na contratação de pessoal. Para a elaboração do último edital de concurso público para professores, por exemplo, havia 245 pedidos de vagas vindos dos cursos e apenas 151 vagas disponibilizadas pelo Governo Federal, ainda assim insuficientes para atender à demanda, aquecida pelo Reuni. Para isso foi necessário criar critérios, analisar e diagnosticar.

A última gestão do DCE e o próprio Andes dizem que o diálogo com a comunidade universitária através dos fóruns que ocorrem durante a transição para o cargo foi algo marcante na gestão. Enquanto isso, o coordenador do SintUFSC reclama que a Reitoria não envia representantes às assembleias. Como definem a questão do diálogo?

RN: Em primeiro lugar, é necessário fazer um histórico de como agiam os outros reitores em relação a isso. E por que há tanta necessidade de a atual reitora participar das assembleias? Mesmo assim, participei de uma assembleia aqui em frente à reitoria (em outubro de 2012), dialogando com os STA's. As reuniões todas, quando solicitado, foram acompanhadas pela chefia de gabinete, e também recebi várias vezes em minha sala representantes dos STA's. Estamos dialogando constantemente através da chefia de gabinete, não precisa ter necessariamente a reitora, mas alguém da equipe.

LP: Muitas vezes somos convocadas para reuniões do SintUFSC que ocorrem a dois dias da convocação, e nossa agenda já está lotada.

Avaliação do primeiro ano de gestão divide aliados e adversários

Andes, Apufsc, Sintufsc e DCE apontam erros e acertos

O mandato da reitora, Roselane Neckel, e da sua vice, Lúcia Pacheco, chega a um ano e divide opiniões na universidade. Desde a campanha, em 2011, elas propõem um maior diálogo com a comunidade universitária – percebido por alguns setores, mas contestado pelo Sindicato dos Trabalhadores da UFSC (SintUFSC). Em entrevista ao Zero, reitora e vice reafirmaram seu foco no diálogo e resumiram o primeiro ano frente à reitoria como um período para ouvir a comunidade acadêmica e reorganizar o setor administrativo.

Para o estudante Giovanni Simon, membro da gestão 2012 do Diretório Central dos Estudantes (DCE), a Voz Ativa, que acompanhou os primeiros meses de mandato, a atual administração tem políticas progressistas. Ele lembra que em apenas uma audiência pública conseguiram o aumento do valor da bolsa-permanência – que subiu de R\$ 457 para R\$ 492 no mês passado –, enquanto que na gestão anterior precisaram ocupar a Reitoria.

Tanto para Simon quanto para o Presidente da Associação Nacional de Docentes (Andes), Mauro Tilton,

é visível a tentativa de um diálogo maior com a comunidade universitária, porém, ambos concordam que a forma com que este vem sendo estabelecido ainda é tímida. Porém, os Servidores Técnico-Administrativos (STA's) garantem que falta esse diálogo com sua categoria.

O Presidente do Sindicato dos Professores das Universidades Fe-

Tornar os fóruns deliberativos é uma das sugestões para aumentar participação

derais de Santa Catarina (Apufsc), Márcio Campos, critica que “no discurso a reitoria fala em ética, democracia, participação enquanto que na prática a situação é outra”.

Uma das soluções sugeridas pelo Andes, pela antiga gestão do DCE e pelo coordenador do Sindicato dos Trabalhadores da UFSC (SintUFSC), Celso Martins, em ampliar o diálogo com a comunidade é tornar deliberativos os fóruns promovidos pela

atual-gestão. Essa era uma das promessas da campanha de Roselane e Lúcia.

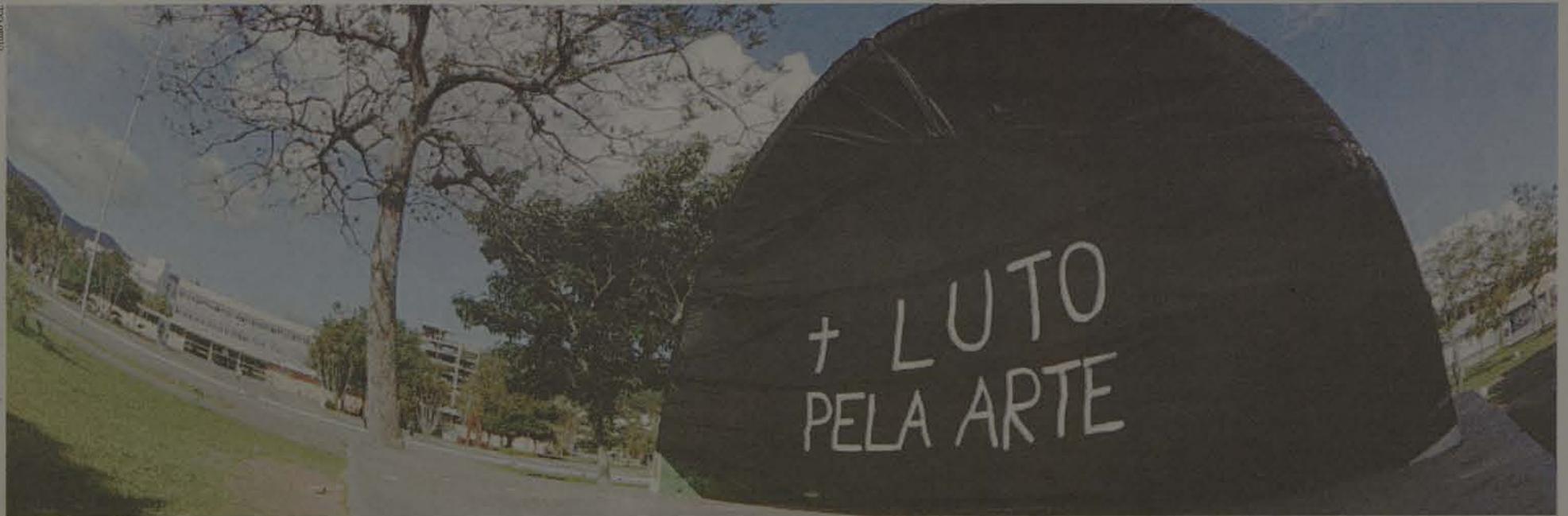
Em relação ao Hospital Universitário, o professor do curso de Administração Irineu Manoel de Souza, ex-concorrente ao cargo de reitor na última eleição, lembra da importância da discussão sobre a adesão ou não à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH). Segundo ele, a gestão tem feito sua parte em relação ao assunto, no sentido de mobilizar a comunidade acadêmica e sensibilizar o Conselho Universitário (CUn), que é a quem cabe a decisão de aderir ou não à empresa.

A principal crítica do ex-candidato quanto à atual gestão é de que deveria haver uma maior sensibilidade e humanização na transferência de pessoas entre os setores. “É necessário um esforço na habilidade de valorizar quem teve toda uma vida pautada pela ética nesses 50 anos da universidade”, além de uma maior divulgação nesses processos.

Jéssica Trombini
jehtrombini@gmail.com
João Schmitz
joaaschmitz@gmail.com



Roselane: “Tínhamos 50 mil m² de obras previstas e não projetadas”



A situação da cultura na universidade gerou protestos dos estudantes do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) que fizeram intervenções na Concha Acústica durante cinco semanas

Burocracia atrasa projetos culturais

Demora no repasse de recursos atrapalha início das atividades do primeiro semestre na UFSC

O calendário de atrações do Projeto 12:30 no ano de 2013 está em branco. Após 20 anos de realização semanal com públicos anuais de cerca de dez mil pessoas, a iniciativa realizada pelo Departamento Artístico Cultural (DAC) chegou a um ponto de inércia. Situação idêntica a de outras oficinas e grupos promovidos pelo departamento. Mesmo com parte das verbas garantidas para algumas das ações, o dinheiro não chega, enquanto funcionários, artistas, alunos e comunidade esperam por um início que deveria ter acontecido há mais de dois meses.

O motivo alegado pela Secretaria de Cultura (SeCult) em relação à demora no início das atividades é o de um entrave burocrático que está impedindo a liberação do dinheiro. “A gente quer fazer as coisas rigorosamente dentro da lei, respeitar o que está previsto na legis-

lação, e isso, às vezes, acaba causando uma demora”, afirmou o Secretário de Cultura, Paulo Berton.

O problema com as verbas não é apenas a demora, mas também o montante. O Projeto 12:30, por exemplo, para ser mantido nos moldes praticados nos últimos anos, com 48 edições anuais – 32 na Concha Acústica ou no Varandão do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) e outras 16 do Projeto 12:30 Acústico, no Teatro da UFSC – custa R\$ 68,8 mil, valor totalmente empenhado em sonorização por empresa licitada. Mas a verba garantida para o projeto através do edital Procultura realizado pela SeCult é de apenas R\$ 18 mil. O 12:30 poderia ter concorrido – no mesmo edital – a uma quantia de R\$ 40 mil, mas, segundo os coordenadores, disputar esse valor seria mais difícil e haveria o risco de ficar sem verba alguma.

Com o recurso já garantido, o Projeto

Oficinas do DAC recebiam R\$ 150 mil por ano, mas até agora não têm verba garantida

12:30 tem verba suficiente para a realização de 11 shows. O primeiro deveria ter acontecido no dia 20 de março, mas até agora a licitação do som não foi feita e os funcionários envolvidos estão preocupados com o atraso. “Estamos de mãos atadas, nunca vivemos situação parecida”, relatou o coordenador do projeto, Marco Valente. Segundo Berton, não há motivo para preocupação com o possível déficit de 37 apresentações do Projeto. “Nós, como secretaria, como universidade, vamos cobrir esse valor que está faltando

para que o 12:30 aconteça como vinha acontecendo”.

Outras atividades do DAC correm risco de não acontecerem no ano de 2013. Das 21 oficinas realizadas pelo departamento, apenas quatro estão funcionando – Coral, Orquestra de Câmara, Madrigal e Grupo de Canto para Iniciantes. Durante o último ano, 840 pessoas participaram diretamente destas atividades, que envolviam desde teatro e pintura até fotografia e realização de documentários. “Muitas das oficinas eram ministradas por professores externos à Universidade, escolhidos por uma empresa licitada”, disse o diretor do DAC, Clóvis Werner. “A atual ausência de verba impede o acontecimento das atividades.”

As oficinas do DAC contavam com verba anual de R\$ 150 mil, e até o momento não têm recursos garantidos. Nos últimos três anos a verba para a realização destas atividades vinha da reitoria,

por meio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Segundo Paulo Berton, o recurso utilizado nos últimos três anos provinha do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), através da PRAE, e seu uso nas oficinas fugia à proposta do programa. Uma possibilidade levantada pelo secretário é a de que alunos possam ministrar as atividades, recebendo bolsas, mas a solução está apenas no campo das ideias.

O edital Procultura, lançado em dezembro, contemplou dois projetos do departamento: a Semana de Arte do DAC e o FITA Floripa. As comemorações dos 50 anos do Coral da UFSC – que surgiu dois anos após a fundação da instituição – não têm verba garantida, mas Berton garante que o recurso será disponibilizado.

Kadu Reis

kadualexandrereis@gmail.com

Galeno Lima

onelag@gmail.com

Falta de verbas afeta alunos e artistas

“A Universidade parece estar se fechando para a comunidade”, diz o baixista Nani Lobo, músico da banda Cristiano Ferreira & Trio, que participou do III Festival de Música da UFSC e é presença comum no Projeto 12:30. O artista se mostra decepcionado com a demora ocorrida para a realização dos projetos culturais. “Nós, músicos, estamos nos sentindo órfãos”.

Bandas como Dazaranha, Iriê, John Bala Jones, Sociedade Soul, Karibu e diversos outros trabalhos locais que alcançaram maior sucesso nas últimas décadas tiveram como parte fundamental de seu processo de profissionalização as passagens pelo Projeto 12:30. “É o palco mais democrático para o artista, onde o trabalho autoral não é apenas aceito, mas incentivado e quase exigido”, conta Lobo, que frequentemente é forçado a



Departamento Artístico Cultural deixa de atender mais de 800 pessoas

tocar covers de bandas mais conhecidas quando se apresenta em outros locais.

Na visão do músico, que não trabalha nem estuda na UFSC, quem está de fora não entende os atrasos e vê a ausência de atividades como as oficinas do DAC como um corte na cultura. O artista é mais

um dos que aguardam ansiosamente o fim dos entraves para que tudo volte ao normal, e afirma que os prejuízos da ausência do projeto são grandes: “perde a cadeia artística, criativa, de Florianópolis e de toda Santa Catarina. Perdem os alunos e a comunidade”.

Concha Acústica está caindo aos pedaços

O local foi destruído repentinamente: “em uma sexta-feira saímos daqui com ela perfeita. Quando voltamos na segunda estava deste jeito”, lembra Marco Valente, coordenador do Projeto 12:30. Desde então, a Concha Acústica da UFSC não foi mais utilizada e aguarda pela reforma, que já foi pedida pelo DAC há um ano.

É preciso recuperar a fibra de vidro e realizar obras no piso que acumula água. A caixa de energia localizada na parte posterior da Concha, que trabalha com alta amperagem, é problemática e precisa de revisão para evitar acidentes, que poderiam ser até fatais.

Um estudo para que seja feita uma cobertura no local também é necessário, pois os funcionários que trabalham por cerca de quatro horas a cada evento ficam sob o sol. Músicos e instrumentos, que são frágeis a altas temperaturas, ficam expostos aos raios solares e ao calor produzido pela fibra de vidro da Concha Acústica. Os responsáveis pelo pedido de reforma também chamam atenção para a segurança do local, evitando que volte a ser alvo de vandalismo. Ainda não há previsão de início das obras. (K.R.)

Valores religiosos ainda orientam a rotina de jovens

Nova geração de fiéis preserva costumes tradicionais

Eles acreditam que a finalidade do namoro é o casamento, e sexo só depois disso. Não abusam de álcool, nem usam drogas e ainda acreditam em valores morais que poderiam ser vistos como antiquados. A religião pode não ser mais assunto recorrente para a maioria dos jovens, mas os dados do Censo 2010 do IBGE apontam que 90% dos brasileiros de 17 a 24 anos têm alguma crença. Entre esses, há os que não praticam e os que seguem fielmente as doutrinas.

Quem leva um estilo de vida regrado percebe que certas pessoas têm preconceitos. “Veem como se eu não pudesse fazer nada, porque minha religião não permite determinadas coisas. Mas quando você se torna cristão a ideia não é essa”, diz Luciano Bueno, de 24 anos. Para explicar, cita um versículo da Bíblia, já gravado na memória: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm”. Ele começou a frequentar a igreja evangélica Assembleia de Deus aos 16 anos e, aos poucos, mudou seu modo de pensar e agir, o que o afastou de algumas pessoas. “A amizade deve existir independente da crença religiosa, mas infelizmente, às vezes, acabam não sendo mais compatíveis”.

Mas, há também respeito e admiração. “As pessoas acham legal, mas ao mesmo tempo não querem isso para elas”, explica Caroline da Silva, de 18 anos. Ela e a irmã Beatriz, da mesma idade, vão à igreja duas vezes por semana, estudam a Bíblia em casa e ainda pregam a religião para os vizinhos. Naturais de Balneário Camboriú, vieram para Florianópolis para cursar Ciências Contábeis na UFSC e, desde então, frequentam o Salão de Reino das Testemunhas de Jeová no Centro. “Primeiro vimos onde tinha uma igreja, essa era a prioridade. E depois fomos procurar um lugar perto para morar”, conta Caroline. Para elas, todas as decisões são orientadas pelo que Deus ensina na Bíblia, assim como a escolha de que festa frequentar, que roupas usar — “modestas e de bom juízo” — ou quem namorar. “Se a religião vem em primeiro lugar na minha vida, como eu conseguiria compartilhar ela com alguém que não pensa da mesma maneira?”.

Alexandra Ismaíl Al-Ramahi ou Nour, nome árabe pelo qual prefere ser

“Eu saio, tenho amigos, mas tenho algo a mais: Jesus. É o que me difere de outras pessoas”

Luciano Bueno, evangélico

chamada, de 19 anos, pensa da mesma forma, apesar de não existir namoro no Islamismo. Ela casou oficialmente na religião há um ano para estar dentro das leis de Allah — deus em árabe. Antes disso, o casal se encontrava com a presença de alguém e conversava pela internet. “Hoje se pensa em ficar com alguém e se não der certo, não tem problema. Mas eu sei que é com ele que vou ficar pra sempre”.

Apesar das pessoas considerarem que Nour tem pouca idade para estar casada, reagem com naturalidade já que ela ainda mora com os pais. O que atrai olhares curiosos ou até recriminadores é o uso do lenço. “Acreditamos que o cabelo é algo que seduz e chama a atenção dos homens. Então guardamos só para o marido e a família”. Segundo o Alcorão, o corpo da mulher deve ser preservado. Por isso, ela opta por roupas que deixam apenas as mãos e o rosto à mostra.

Ingrid Grütner, de 21 anos, frequenta a Igreja Adventista do Sétimo Dia e tem a mesma preocupação com a imagem. “A mulher não deve se destacar pela beleza. Queremos chamar a atenção pela nossa essência e caráter”. Além disso, segue os ensinamentos da Bíblia e, entre eles, o quarto mandamento — “Guardai o sábado”. Do pôr-do-sol de sexta-feira até o pôr-do-sol de sábado é um dia para repouso e comunhão com Deus. Portan-

to, é vetada qualquer atividade pessoal, como fazer compras, assistir televisão ou trabalhar. Como ela leciona no Colégio Adventista de Florianópolis, não tem conflitos profissionais. Porém, fez um curso à noite e em todas as sextas-feiras não comparecia às aulas. “Eu tive que levar um documento da igreja assinado e reconhecido em cartório explicando que essa é a nossa opção”.

As recomendações estão ligadas também à saúde. Na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, os mórmons veem o corpo como um presente de Deus e por isso não fumam nem ingerem álcool e café. “Tudo o que prejudica deve ser evitado, como também piercing e tatuagem”, diz Gabriel Zacheu, de 24 anos. Ele sabe que se priva de coisas normais para a maioria dos jovens, mas considera que há uma razão muito maior. “Nós temos essa vida e dependendo de nossas escolhas, um dia poderemos morar com o pai celestial. Se eu fizer as coisas certas aqui, vou morar lá. E eu quero muito isso”.

É comum que Gabriel ou qualquer jovem religioso ouça que está perdendo a juventude ou não aproveitando a vida. Caroline da Silva discorda: “Essas pessoas estão bem enganadas, porque eu tenho uma felicidade muito grande”. A irmã Beatriz completa: “Não tem o que seja melhor que pensar que o todo poderoso do universo é meu amigo”. Já Luciano Bueno diz que não precisa de uma “noitada” de sexo ou bebidas para ser feliz e que não é diferente de outros jovens. “Eu saio, tenho amigos, mas também tenho algo a mais, que é Jesus. É isso que me difere das outras pessoas”.

Paula Salvador

paulacarninsalvador@gmail.com



Beatriz e Caroline escolheram a casa onde vivem por ser próxima à igreja



Igrejas fazem adaptações em atividades culturais para

Sexta-feira, das 22h à meia-noite, um grupo de jovens com idade a partir de 17 anos se reúne na Assembleia de Deus do Centro de Florianópolis. Eles fazem parte de um total de 1500 pessoas que participam de diferentes reuniões ao longo da semana. O horário é inusitado, mas Jesiel Paulino, de 45 anos, explica: “não adianta marcar uma programação para o jovem às 8h da manhã. Ele quer é ficar acordado até esse horário”. Ele, que é pastor desde os 25 anos, diz que é preciso pensar uma igreja que esteja presente em todos os momentos. Hoje são oferecidas atividades culturais — como música, dança, varal literário —, ações sociais e confraternizações. À medida que isso foi proposto, o número de frequentadores aumentou.

Por muito tempo, a Assembleia de Deus foi vista como tradicional pelo fato de as mulheres vestirem saias longas e não usarem joias. Ainda há quem preserve essas tradições, mas não é mais unanimidade. Jesiel relata que a igreja teve perda por algo que não era uma

doutrina, igreja co tempo pa No ca da em 20 frequen muito pa pregaçã de louvor gem é in consequ surf, cicl e assistê das célula pessoas abertos. paredes. cultos. Ta com este

Decisão do parto nas mãos da gestante

Método humanizado dá autonomia para a mãe escolher ambiente mais acolhedor ao dar à luz

Após descobrir a gravidez, nem todas as mães param para pensar na importância do seu bem-estar e do bebê na hora do nascimento. A preocupação com o enxoval, a comodidade em agendar uma cesariana e o medo de sentir dor deixam de lado esse cuidado com o parto. Por falta de conhecimento, muitas mulheres nem chegam a cogitar a possibilidade de ter seus filhos em casa ou de forma mais humanizada dentro de hospitais.

Há cinco anos, quando engravidou de Caetano, Sheila Medeiros, 36 anos, teve essa preocupação e começou a pensar em dar à luz no conforto do seu lar. A ideia surgiu a partir de relatos de amigas, que tinham passado por experiências positivas ao terem os seus filhos em casa. O desconforto com o ambiente hospitalar também contribuiu: "Eu questionava o hospital, porque não tinha intimidade com o ambiente. Ele estava muito ligado a doenças para mim." Ela não recebeu apoio imediato do marido e, para mostrar a ele que o parto domiciliar não apresentava mais riscos que o hospitalar, passou a pesquisar sobre o assunto. Durante a pesquisa, encontrou um grupo de enfermeiras obstetras que faziam partos domiciliares planejados em Florianópolis. Após uma conversa com essas profissionais, seu marido ficou convencido de que a escolha pelo local do parto era consciente. Esse foi um dos seus primeiros desejos como mãe.

Assim como o parto de Caetano, cerca de 2% dos nascimentos no Brasil ocorrem fora do ambiente hospitalar, segundo dados do DataSUS de 2010. Esse cenário é resultado do modelo obstétrico adotado no país, centrado na assistência médica com treinamento em patologias e intervenções e caracterizado pelo alto número de cesáreas — mais de 52% dos partos. A médica obstetra Halana Faria explica que o médico é treinado para intervir, aprende a con-



Independente do lugar, grávidas recebem assistência médica e emocional



Ter o bebê na água diminui dores

duzir partos e não a observá-los. Outro fator que contribui com esse modelo é a lógica do sistema privado. É mais interessante financeiramente agendar várias cesarianas. Enquanto um parto normal pode levar mais que um dia, a cesariana, sem complicações, não dura uma hora. "Dentro do hospital a mulher tem um tempo limite para parir, pois outras continuam sendo admitidas e precisa haver uma rotatividade, o que faz com que muitas vezes o processo seja abreviado com uma cesariana." Consciente de que as intervenções aconteciam com frequência nos hospitais, Sheila optou pelo parto em casa, natural e sem a pressão do fator tempo.

Há um modelo alternativo, conhecido como parto humanizado, centrado no protagonismo da mulher. Segundo

Faria, o parto é humanizado quando acontece em ambiente acolhedor e de escolha da mãe — o que não significa que não possa ser o hospital. A equipe deve estar atenta às necessidades da paciente e ser capaz de lhe fornecer suporte físico e emocional. Os profissionais devem estar dispostos a discutir todo procedimento que precise ser realizado. "A mulher é sujeito da ação de parir e tem autonomia para decidir. O parto é visto para além de seu aspecto biológico, como um rito, cercado de símbolos e afeto", acrescenta. Baseado em exemplos usados há anos em países como Holanda e Alemanha, esse modelo vê o parto como algo natural, que deve acontecer com pouca ou nenhuma intervenção médica.

Mesmo desconhecendo o conceito na época, ao realizar o procedimento em casa, Medeiros estava tomando as rédeas do seu parto. "Meu parto não teve nenhuma intervenção. As enfermeiras davam sugestões, mas fiquei totalmente livre e, ao mesmo tempo, sabia que elas estavam lá." Para Faria, esse modelo de parto permite uma vivência única para a família e a equipe. "Gosto de pensar que, ao ajudar uma mulher a trazer seu bebê ao mundo de maneira gentil, estamos ajudando a melhorá-lo."

Fernanda Pessoa
fpessoa@carvalho@gmail.com

Risco é igual em hospitais e em casa

O parto domiciliar, utilizado como forma de humanização, encontra resistência de alguns médicos e Conselhos Regionais de Medicina. Apesar dessa oposição, tanto a OMS, quanto a Federação Internacional de Ginecologistas e Obstetras respeitam o direito de escolha do local do parto pelas mães e reconhecem que, se assistido por profissionais habilitados, há benefícios para quem quer e pode ter seu filho em casa. Halana Faria acredita que se o parto domiciliar for comparado a um nascimento no

hospital não há diferença de risco para a mãe ou bebê, desde que a gravidez seja de baixo risco. "Muitas complicações do parto podem ser resolvidas em casa se a equipe for treinada e tiver recursos para emergências", prevê. Nos partos em casa podem acontecer as mesmas intercorrências de partos hospitalares atendidos sem intervenções, com a diferença de que é preciso tempo para transferir a gestante, e o local de destino não esteja a mais de vinte minutos.

O Espaço Hanami, em Florianópolis,

presta apoio a partos domiciliares. De acordo com as enfermeiras, existe uma preocupação em deixar tudo preparado para uma eventual transferência. "Temos uma média de 11% de transferências, quando vemos a situação complicar, a mãe já está com tudo pronto e nós também. Deixamos até um carro virado para a saída. A gente toma bastante cuidado para que o processo seja rápido, para que ela chegue com segurança ao hospital", relata a enfermeira obstetra Joyce Koettler.

Mapa dos partos no Brasil

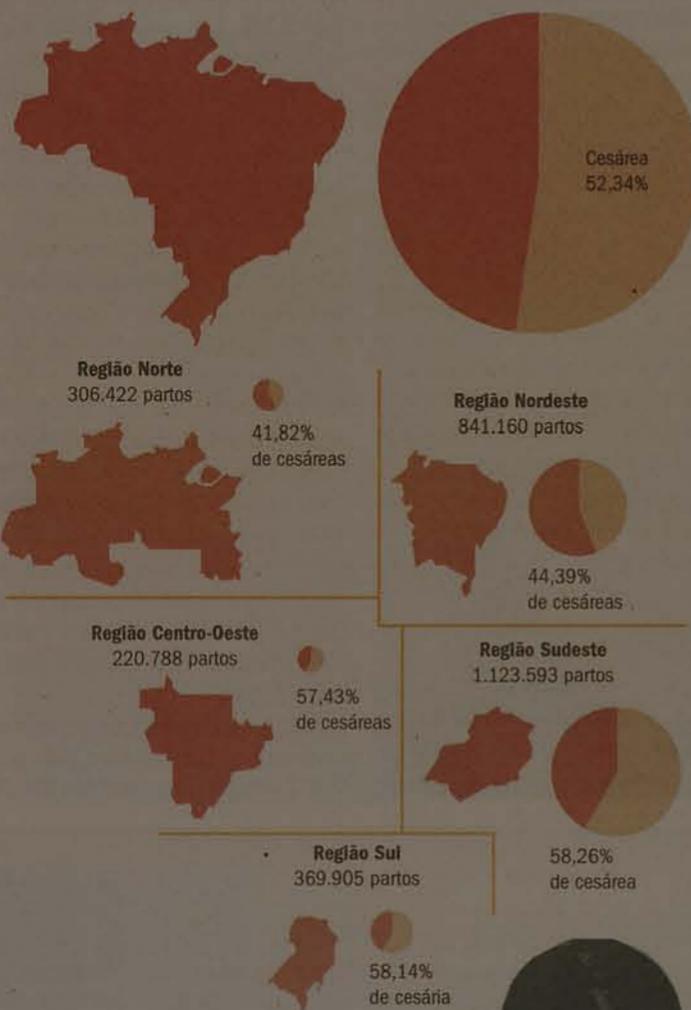
Apesar de o Ministério da Saúde recomendar o parto normal como a melhor forma de dar à luz, o número de cesarianas já passa da metade do total de partos hospitalares no Brasil, que correspondeu a 98,07% do total de partos em 2010. O restante, 1,03% corresponde a partos domésticos e acidentais, como os realizados em estradas ou mesmo em ônibus, avião ou barco. Nas regiões sul, sudeste e centro-oeste o número de cesarianas chega perto dos 60%.

Cesáreas por região

(em relação ao total de partos hospitalares)

Parto normal
Cesáreas

Brasil
2.861.868 partos



Características

Parto normal

A recuperação pós parto é mais rápida e menos dolorosa, o vínculo afetivo entre a mãe e o bebê é estabelecido de forma mais rápida sem os efeitos da cirurgia e dos anestésicos. O risco de infecções para as mães são menores. O bebê sente um menor desconforto respiratório e, se a sua hora for respeitada, sem interferências externas, ele nasce mais preparado para o ambiente externo.

Cesária

É um cirurgia importante em casos complicados e pode salvar vidas, mas os riscos são grandes quando não é necessária. Para a mãe há mais riscos de infecção, sangramento e lesões. A recuperação é mais lenta e dolorosa. As chances de a mulher ter um parto normal em uma próxima gestação diminuem. O bebê, por sua vez, pode precisar de assistência ventilatória e UTI.



Pode até não ser remédio, mas ajuda

Voluntários adotam atividades lúdicas para tornar internações mais agradáveis aos pacientes

O olhar triste e desacreditado se perde assim que aqueles voluntários entram no quarto. A tristeza de estar internado dá lugar à alegria com as brincadeiras e histórias, e o ambiente se transforma com as gargalhadas. Pelo menos é assim com a paciente Nixon Paula Siqueira, 41 anos. Internada desde 19 de agosto de 2012 no Hospital Universitário devido a uma paralisia, Siqueira convive agora com problemas sociais que a impedem de sair do hospital. Ela não tem onde morar e nem como se sustentar e, por isso, está vivendo no HU. Além das tardes com fuxico e artesanato, conversas com enfermeiras e faxineiras, o tempo passa quando ela recebe a visita dos Terapeutas da Alegria, às terças-feiras à noite. “Eles que estão segurando a minha barra aqui. Eu conto os dias para eles virem, porque o tempo todo eles fazem a gente rir, é outro mundo. A gente volta a ser criança”, conta a paciente.

Logo que entram nos quartos, os Terapeutas da Alegria mostram o que aprenderam em um semestre de formação. A abordagem utilizada é improvisada e varia de um dia para o outro, mas a intenção é fazer a pessoa se sentir melhor naquele momento. “Tem dias que a gente entra, tenta fazer piada, mas tem vezes que a gente só conversa com eles”, explica o estudante de medicina e bolsista do Terapeutas Flávio Martins. O grupo, criado em 2002 em Tubarão, é um projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Humanização, Arte e Saúde (NUHAS) da UFSC, que leva ao ambiente hospitalar experiências que apresentam alegria e humanidade na forma de personagens palhaços. Atualmente eles visitam cinco enfermarias do HU.

Coordenado pelo médico pediatra Thiago Demathé e pelo professor do departamento de Saúde Pública da UFSC Walter Ferreira, o NUHAS, que



Hospitalizada há nove meses, Nixon recebe visitas dos Terapeutas da Alegria: “Conto os dias para eles virem, porque fazem a gente rir todo o tempo”

tem 81 participantes, foi criado em 2012 para abranger os dois projetos que o compõem: o Terapeutas da Alegria e o Humanizarte, este segundo iniciado em 2010.

A principal diferença é que no Humanizarte não há o personagem palhaço. Os estudantes representam eles mesmos nos dois locais de trabalho. Toda sexta-feira à tarde eles vão ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Palhoça e realizam atividades através da música e da dança, para expressão e flexibilidade do corpo. No Instituto de Psiquiatria (IPQ), todas às quartas-feiras, são feitos trabalhos com pintura a fim de ajudar a estimular as relações humanas.

Os Terapeutas da Alegria visitam pacientes que às vezes vão encontrar somente uma vez, então as intervenções são programadas para ter princípio, meio e fim. O resultado do trabalho é imediato. “O objetivo é que a gente consiga atingir a pessoa,

tocar, estimular em alguma coisa ou simplesmente dar alegria para aquela pessoa naquele dia”, esclarece Ferreira. Depois de tantas visitas, os voluntários já sabem o que pode ajudar o paciente. “Tem momentos que a gente surta, desespera. Eles que vão segurando. Na hora que a gente tem von-

Grupos não querem substituir medicamentos, mas dar suporte aos internados

tade de largar tudo, jogar para o alto e sair correndo, vêm eles devagarzinho, acalmando, conversando e dizendo as palavras certas no momento certo”, desabafa Siqueira. A ajuda, porém, é mútua ao ver que as brincadeiras e as conversas melhoraram o dia de

alguém. “Acho que o maior incentivo parte do sorriso que recebemos dos pacientes. Sem dúvida é a maior recompensa que podemos ganhar”, destaca Luiz Fernando Cardozo, integrante do Terapeutas da Alegria. Já no IPQ e no CAPS, o processo de avaliação é a longo prazo e as visitas duram um semestre. Segundo um dos coordenadores, Thiago Demathé, eles percebem “pequenas melhoras a todo o momento”.

Uma das formas de saber se o projeto está dando resultado é a aceitação do paciente ao receber os voluntários e ao participar das atividades. “O fato de eles estarem lá conosco é uma forma de ver que os pacientes estão vinculados, participando e gostando”, complementa Ferreira. Outra forma de avaliar o trabalho é pelo retorno da equipe. Os terapeutas, psicólogos e enfermeiros dizem do que os pacientes gostam e no que melhoram. Observa-se também que o próprio paciente muda. “Quando chega-

mos, eles têm uma postura corporal mais fechada, o rosto mais triste e são menos comunicativos. Depois da intervenção, essas pessoas interagem mais, com novo olhar, novo gás e ficam mais ativas”, ressalva Demathé. A intenção do grupo, porém, não é curar. “A gente não tem a pretensão de substituir um medicamento. Entendemos que estamos fazendo um trabalho de suporte”.

A única reclamação recorrente dos pacientes é de que as visitas deveriam ser mais demoradas e frequentes. Quando os palhaços vão embora, Nixon afirma que “fica a saudade e volta para a realidade”. Sem saber quando terá alta, a única certeza que tem é de que na semana seguinte eles estarão lá novamente para levar alegria, arte e descontração ao ambiente.

Camila Peixer
camilaoliveirapeixer@gmail.com



Para os Terapeutas, o sorriso dos pacientes é a maior recompensa

Núcleo organiza 1º Encontro Nacional

Foi pensando na discussão da humanização e da arte como forma terapêutica, que o Núcleo de Humanização, Arte e Saúde (NUHAS) decidiu organizar o I Encontro Nacional de Humanização, Arte e Saúde (ENHAS), que ocorrerá no Centro de Eventos da UFSC de 25 a 27 de agosto.

O evento será em conjunto com o X Encontro Catarinense de Saúde Mental (ECSM) e tem o apoio da UFSC, Univille, Prefeitura Municipal de Joinville e Abrasme. Serão abordadas questões da saúde mental, como a prevenção de problemas em crianças, a partir de mesas, debates, rodas de conversas, palestras, minicursos e oficinas relâmpagos. Intervenções artísticas e culturais e mostras de produtos artísticos também serão apresen-

tadas a fim de mostrar a arte como terapia alternativa. O organizador Thiago Demathé espera que este seja o primeiro de uma série de encontros. “A gente pensa em dar um *start* nessa prática de humanização, vinculada à arte e à saúde de uma forma mais intensa, mais viva. Que a gente consiga de alguma forma manter essa chama acesa nesses próximos anos, promovendo oficinas, intervenções mais educativas, até utilizando artifícios da cultura local.”

O evento é destinado para trabalhadores da área da saúde e da artística, para pessoas que participam de grupos terapêuticos e para funcionários da rede de saúde mental. As inscrições variam de R\$10 a R\$100 e poderão ser feitas pelo site www.ecsm2013.org.

Uma vida inteira morando no hospital

Pessoas abandonadas e com doenças adotam o Instituto de Psiquiatria do estado como lar

É noite de sábado e Ana Ribeiro se prepara para sair de casa. Após passar a tarde no salão de beleza retocando a tinta do cabelo, ela veste a roupa nova e se perfuma toda. As unhas estão pintadas de vermelho, como de costume. Aos 65 anos, ela gosta de dançar. "Tenho que aproveitar a vida". Pronta, sai para mais uma festa nos arredores do bairro Colônia Santana, em São José. Após a noite de dança, ela volta para casa, uma das três Residências Terapêuticas mantidas pelo Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina (IPQ). Ribeiro é uma das 207 pacientes que moram na instituição. No IPQ, ela se sente em casa. Afinal, foi lá que morou praticamente toda sua vida.

O número de pacientes que adotaram o Instituto de Psiquiatria como lar é superior ao de internos regulares na instituição. A média de idade dos moradores é de 50 anos. Entre todos eles, o motivo de estarem lá é quase sempre o mesmo: o agravamento da doença e o abandono familiar. Alguns sequer lembram como chegaram.

Ribeiro é uma das moradoras mais antigas do IPQ. Ela chegou à instituição ainda criança, na década de 1940, e foi diagnosticada como epilética. Naquela época, era comum o abandono de crianças com os sintomas da doença. Há anos ela não apresenta nenhuma crise e hoje se diz "sócia" do IPQ. "Quando eu cheguei não tinha nenhuma casa por aí, só mato. Não tinha quase ninguém internado e só funcionava a enfermaria infantil, que



Valdecir visita família nos feriados

foi onde eu fiquei. Nem lembro como cheguei, mas sou sócia desse hospital", diverte-se.

Juntamente com ela outras cinco mulheres moram na Residência Terapêutica, que é anexa ao hospital. Elas dividem as tarefas domésticas e ocupam o tempo com as atividades no IPQ. Além do acompanhamento de psicólogos e enfermeiros, os moradores participam de terapia ocupacional e desempenham funções próprias, dependendo do grau da doença e da idade.

Apesar de toda a atenção dada pelo hospital, uma queixa é quase unanimidade entre os pacientes: o abandono da família. Dos 207, apenas 50 mantêm algum tipo de contato com



Ana Ribeiro tem epilepsia e foi deixada no IPQ quando ainda era criança

parentes. "Eles se queixam muito. Reclamam que a família não vem, que foram abandonados aqui e que gostam

Dos 207 pacientes internados, só 50 mantêm algum tipo de contato com familiares

de estar em casa. Dos que ainda conseguem falar, a maioria fala sobre o abandono social", assegura a enfermeira Noezi Botelho.

Assim como Ana Ribeiro, Valdecir Casagrande, 52 anos, é outro morador

do Instituto de Psiquiatria. Ele chegou ainda jovem, após sofrer um ataque epilético. A mãe morreu aos 23 anos e ele não a conheceu. Até sete anos atrás, Valdecir não mantinha contato com nenhum familiar. "Eles nunca vieram me ver. Às vezes eu chorava com saudade dos meus pais e da minha família. Uma vez eu fui para São Paulo e comecei a chorar para Nossa Senhora de Aparecida com saudades da minha família", recorda. Dias depois, uma prima entrou em contato com o hospital a procura de Valdecir. Desde então os dois se veem com frequência. "Vou na casa dela no Natal, no Ano Novo. Agora melhorou", conta.

Em 2003, o governo Federal criou o programa De Volta Para Minha

Casa, que visa possibilitar o retorno à cidadania plena de pacientes limitados a viver em asilos por longos anos. O programa foi implantado no IPQ e hoje contempla cerca de 20 pacientes, que recebem um benefício de R\$ 320 por mês.

No entanto, para Paulo Márcio Souza, diretor da instituição, isso não resolve a situação da maioria dos residentes. "O problema é que chega um certo momento em que a família não acolhe mais. Não basta apenas dar dinheiro, é preciso ter o apoio de enfermeiros e uma boa estrutura familiar", avalia.

Além disso, a idade avançada e a cronificação da doença tornaram-se empecilhos para a efetivação completa do programa. "Já foram esgotadas todas as possibilidades de mandar para casa os pacientes em estado crônico. Quando eles têm família, os parentes não conseguem receber. É difícil voltar para casa", garante Souza.

Para permanecer no programa De Volta Para Minha Casa, o paciente precisa fazer um recadastramento todos os anos, o que tem deixado alguns deles sem o auxílio do Governo. No momento da atualização anual dos dados, o beneficiado precisa entregar um comprovante de residência. No entanto, como os moradores residem na própria instituição ou nas Residências Terapêuticas, que são anexas ao IPQ, o governo não aceita a solicitação.

Rafael Gomes
rafaelgomes.rgs@gmail.com



O programa De Volta Para Minha Casa contempla 20 pacientes com vale de R\$ 320 para reintegração social

Falta de residências restringe vagas no IPQ

Com 160 vagas fixas, o IPQ é o hospital psiquiátrico com mais leitos no estado. Porém, o alto número de pacientes que ficam por meses na instituição acaba limitando a abertura de novas vagas. De acordo com Paulo Márcio Souza, cerca de 10% dos internos que estão no estado agudo da doença comprometem a internação de novos pacientes. "Não conseguimos mandar para casa e eles acabam ficando. É ruim para eles, para instituição, é ruim para todo mundo".

A lotação dos leitos poderia ser evitada com a criação de mais Residências Terapêuticas, locais destinados a internos impossibilitados de retornar à família. Em São José existem apenas três, todas mantidas pelo hospital, que é de propriedade do governo estadual. "O ideal seria o município criar essas residências, mas isso não acontece", observa a enfermeira July Marquardt.

Criadas em 2000, as Residências Terapêuticas são parte integrante da política de saúde mental do Ministério da Saúde. De acordo com o site do governo federal, o Brasil possui mais de 400 unidades. Em Santa Catarina, apenas quatro estão em funcionamento, sendo que três são as de São José. A outra fica em Joinville. Segundo a Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina, outros dois residenciais estão sendo implantados, um em Joinville e outro em Criciúma. Não há previsão para a construção de outra unidade na Grande Florianópolis.



Sob a orientação do professor Fernando Crocomo, bolsistas trabalham junto aos servidores técnico-administrativos

Florianópolis passa a ter canal público em sinal aberto e digital

TV Brasil e TV UFSC firmam parceria em emissora educativa

Moradores de Florianópolis que possuem aparelhos de televisão com captação de sinal digital têm, agora, mais uma opção de programação para assistir. A TV Brasil, emissora pública nacional criada em dezembro de 2007, chega à capital catarinense no canal 63.1 digital. Isto é resultado de uma parceria com a TV UFSC, que fica responsável por cerca de oito horas na programação diária local.

O novo canal só pode ser visto na TV digital e não há previsão de transmissão em sinal analógico. A emissora universitária era transmitida apenas no canal 15 da NET, em Florianópolis. Do dia 18 de maio em diante, passou a ser exibida tanto na TV fechada quanto na aberta, em comutação com a TV Brasil.

A equipe da TV UFSC é formada, em sua maioria, por estagiários, mas conta também com professores e servidores técnico-administrativos. Sob a direção do professor Fernando Crocomo, produz boletins sobre a universidade, reportagens, entrevistas, documentários e filmes, desde os clássicos até produções locais.

A TV Brasil é gerida pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), que também é responsável pela TV Brasil Internacional, Agência Brasil, Radioagência Nacional e o sistema público de Rádio, composto por oito emissoras. A empresa garante que todos os veículos têm autonomia sobre sua programação e adota como missão "criar e difundir conteúdos que contribuam para a formação crítica das pessoas."

Simone Garcia, gerente de comunicação social da EBC, defende que o papel da TV pública é oferecer informação de qualidade ao cidadão, com versões e fatos diferentes dos que se encontram normalmente nas TVs comerciais. Ela ressalta o trabalho jornalístico desenvolvido na emissora e o espaço que oferece a produções do cinema nacional. Garcia afirma, ainda, que a TV Brasil tem, hoje, uma das melhores programações infantis da TV aberta. Ela observa que as crianças vêm sendo "abandonadas" pela maioria das emissoras, que têm investido em outros tipos de programa nos horários que eram tradicionalmente dedicados a este público.

Garcia explica que acordos entre a TV Brasil e emissoras educativas e universitárias são comuns e afirma que a relação entre elas se diferencia da que predomina entre as TVs comerciais. "Não tratamos nossas parceiras como afiliadas", comenta. Quanto à produção regional, é possível que material das TVs locais sejam veiculados em âmbito nacional.

Regina Zandomênico, coordenadora do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Estácio de Sá em Santa Catarina, acredita que estas contribuições entre emissoras regionais e nacional tenham um papel importante. "Ao abrir espaço para produções acadêmicas e independentes de qualidade que abordem questões locais com um olhar crítico, a TV Brasil conseguirá cumprir

um dos principais objetivos", acredita, referindo-se à chegada do canal a Florianópolis. Ela acrescenta que o critério de noticiabilidade das TVs abertas atuais leva muito em conta os fatores econômicos e uma emissora pública pode fazer a diferença neste cenário.

No entanto, Zandomênico faz uma ressalva quanto à independência da emissora em relação ao Governo Federal. Ela explica que a TV no Brasil já nasceu com um perfil comercial, enquanto nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, originou-se em caráter público. "Essa característica comprova que ainda temos muito que aprender em termos de TV pública", alerta. "Acredito ser muito difícil, no atual momento, conquistar plenamente essa independência. Não é algo impossível, mas requer uma ampla discussão."

Zandomênico avalia que as perspectivas sejam boas, mas não devem trazer resultados imediatos. "A sociedade irá observar, com olhos críticos, se haverá fôlego suficiente para seguir em frente", presume.

Mais informações sobre a TV Brasil e sua programação podem ser encontradas no site www.tvbrasil.ebc.com.br. Através da WebTV, disponível no site, é possível acompanhar parte da programação do canal em tempo real, além de consultar material disponível no acervo digital.

Bruno Batiston
brunobatiston@gmail.com

Compra de acervo e quitação da dívida garante volta da emissora

Algumas TVs educativas já operaram em canal aberto em Florianópolis. Elas se sucederam do fim da década de 80 até 2009. A primeira delas foi a Funtevê, de caráter público, cuja programação nacional, gerada no Rio de Janeiro, passou a ser retransmitida na cidade a partir de 1988. Quatro anos depois de sua estreia, foi criada a TV Caracol, com a qual teve início a produção local. No entanto, ela só operou até abril de 1993.

Até o ano seguinte, a cidade ficou sem uma emissora educativa. Uma nova TV com esta proposta só surgiu em dezembro de 1994, com a criação da TV Anhatomirim. Em junho de 1998, uma nova diretoria assumiu a emissora, que passou a se chamar TV Cultura. A Fundação Jerônimo Coelho era responsável pela gestão financeira, mas, por se tratar de uma fundação de direito privado, havia dificuldades em que UFSC e UDESC investissem no canal. Com o passar dos anos, os problemas foram aumentando e formou-se uma dívida de mais de 600 mil reais. Sem saída, a emissora deixou de operar no início de 2009.

A partir daí, tiveram início a luta pela volta da TV educativa, o trabalho de reestruturação da TV UFSC e a negociação com a EBC para que se estabelecesse a parceria com a TV Brasil. A

Documentário "Quero luz!" reúne informações sobre TVs educativas da capital catarinense

empresa adquiriu o acervo cultural e equipamentos da TV educativa, o que permitiu pagar as dívidas pendentes da Fundação Jerônimo Coelho. O diretor da TV, Fernando Crocomo, acredita que, se não fosse pela disposição da EBC em comprar este material, ele teria se perdido, o que seria uma pena, em sua avaliação.

Estas e outras informações sobre as TVs educativas de Florianópolis e a entrada da TV UFSC em canal aberto estão reunidas no documentário "Quero luz!", produzido pela emissora universitária ao longo de 2012. A produção é o carro-chefe das estreias preparadas para esta nova fase do canal.

Nelson Breve, diretor-presidente da EBC, em depoimento presente no documentário, afirma que a empresa conta, hoje, com mais de 50 geradoras, presente em mais de 1.700 municípios. Agora, Florianópolis passa a fazer parte desta rede e volta a atuar no mapa da comunicação pública no país.



Emissora universitária vai gerar oito horas da programação diária local



Segundo andar do prédio da UFSC, no Centro da capital, é sede do canal

Biblioteca itinerante em Palhoça não sai do lugar

Projeto financiado pelo Criança Esperança recebeu mais de R\$ 1,30 mil e aguarda auxílio da Prefeitura

Era uma vez um ônibus comum, cheio de bancos e com um único propósito: transportar pessoas. Era uma vez, no passado. Agora, os bancos alinhados dão lugar a assentos acolhoados, estantes e baús com livros. Os passageiros não estão atrasados para o trabalho ou escola, nem expressam cansaço ou preocupação. Os olhares são de curiosidade e apreensão: que fim terá essa história?

Quem entra no ônibus do projeto "Um Conto em Cada Canto", da Associação Pró-Brejaru (APB), de Palhoça, não quer mais sair. Crianças e jovens embarcam em uma viagem pelo imaginário guiada pelos livros ou por um contador de histórias que utiliza fantoches e bonecos. A biblioteca itinerante já recebeu a visita de 4.446 menores - além de 600 adultos - só em 2012, o primeiro ano de funcionamento do projeto. Foram visitados 40 locais, entre centros de educação infantil, escolas, associações e entidades que atendem crianças e adolescentes. Comprado e reformado com recursos do Criança Esperança, uma parceria da Rede Globo com a Unesco, o ônibus do "Um Conto em Cada Canto" está parado desde dezembro. Faltam dois profissionais que deveriam ser contratados pela Prefeitura Municipal de Palhoça para que ele volte a atender a comunidade: o contador de histórias e um educador auxiliar.

Ao todo, quatro profissionais trabalham diretamente com o projeto. O coordenador e o motorista são de responsabilidade da Pró-Brejaru. A coordenadora geral do núcleo gestor da Associação, Laura Maria dos Santos, já enviou três solicitações à Secretaria de Educação de Palhoça pedindo os dois educadores e disse que não obteve resposta. De acordo com ela, sem esses profissionais o ônibus não pode ser levado para os atendimentos.

A superintendente de Educação do município, Lore Roedel Westphall, está ciente do acordo entre a Prefeitura e a Associação Pró-Brejaru para que sejam contratados os dois funcionários. Ela explica que a atual administração está "organizando a casa" e analisando todos os setores para realocar os profissionais, já que o município está sendo comandado provisoriamente pelo vereador Nirdo Artur Luz (DEM), o Pitanta, que foi o mais votado na eleição passada, após o prefeito eleito ter a candidatura impugnada. Como há um limite para a contratação de novos ACTs, Westphall diz que pretende redistribuir melhor as vagas antes de contratar novos professores. Nesta realocação seriam enviados os dois educadores para o projeto "Um Conto em Cada Canto". A superintendente acredita que até meados de maio a situação esteja regularizada.

José Hüntemann

jose.huntemann@gmail.com

José Hüntemann/Zero



Ônibus possui motorista, mas poder público ainda não contratou o educador auxiliar e um contador de histórias

Divulgação APB



Projeto só terá coordenador após a contratação dos dois profissionais

Programa incentiva leitura entre as crianças da região

Enquanto as portas do ônibus não são reabertas, as 150 crianças atendidas pelo Centro de Educação Infantil Ulisses Guimarães esperam ansiosas pela volta do projeto. A creche foi a primeira a ser atendida, em agosto de 2012. "Foi um presente maravilhoso. As crianças queriam ouvir todas as histórias. Queriam ir de novo", conta a coordenadora Raquel Regina Roder Schmitz.

A reação das 110 crianças do Centro Educacional Infantil Ponte do Imaruim não foi diferente. De acordo com a gerente do Conselho Comunitário Ponte do Imaruim, Maristela Truppel, além de despertar a curiosidade dos estudantes através das histórias, o projeto acrescentou ao plano pedagógico da creche a oportunidade de incentivar a leitura entre os menores. Todas as crianças atendidas são cadastradas pela Associação Pró Brejaru e as informações repassadas à Unesco.

Criado a partir de outro projeto da APB chamado "Hora do Conto", o atual programa foi beneficiado com R\$ 130.802,40 para a compra e reforma do ônibus, após ter participado de um edital de seleção da Unesco e concorrer com milhares de outros projetos de todo o país. A associação irá receber, ainda, uma parcela de R\$ 14.535,60 para manutenção do projeto. Laura Santos diz que a Unesco "foi bem maleável" durante toda a negociação.

Além da parceria com o Criança Esperança, a Pró-Brejaru, criada em 2004, se inscreve em outros editais de empresas públicas e privadas para investir no ônibus e em outras atividades. Recentemente, a Associação fechou uma parceria para manter os gastos com o combustível da biblioteca itinerante. Para o futuro, Santos deseja mais um contador de histórias.

Divulgação APB



Divulgação APB



Iniciativa da Associação Pró-Brejaru, de Palhoça, o "Um Conto em Cada Canto", atendeu quase 5 mil crianças e visitou 40 locais diferentes no ano passado

Estreantes encaram Ironman Brasil

No fim de maio, prova que testa limites do corpo e da mente acontece na Capital pela 13ª vez

Meses de dedicação, treinos diários, câimbras, mudança na alimentação, fisioterapia, preparo psicológico e pouco tempo para família e amigos. Parece loucura, e ainda que seja, participar de uma prova de Ironman é o sonho de muitos triatletas. Mais difícil de acreditar é quando esse desejo parte de quem nunca praticou o esporte. Com uma distância surreal, que expõe os atletas ao limite físico e mental – 3,8 km de natação, 180 km de ciclismo e 42,2 km de corrida – a prova é considerada a mais difícil do mundo dentre as realizadas em um dia.

Guilherme Silvy, 31 anos, tenente da Polícia Militar, casado, pai há pouco mais de um ano. Cláudio Neto, 36 anos, piloto de avião do Governo do Estado, casado e pai de uma menina. Gabriel Pires, 25 anos, Policial Militar, solteiro, ex-atleta de remo. Apesar dos diferentes estilos de vida, um elo une os três: no dia 26 de maio, às 7h, junto a outros 2.000 atletas, eles irão entrar no mar de Jurerê para enfrentar o desafio de completar o primeiro Ironman.

O interesse em participar da competição surgiu de forma distinta para cada um. Silvy entregou frutas e água para os atletas no percurso do Ironman em 2002 e, naquele dia surgiu o desejo de completar a maratona. Neto já praticara triatlo, mas por conta própria, e todo ano ficava com vontade de se inscrever. Em 2012, com a vida já estabilizada, os dois decidiram correr atrás do objetivo. No caso de Pires, formado em Educação Física, o que o motivou a encarar o desafio foi a vontade de testar seus limites.

Acordar de madrugada disposto a mais um dia de treino, independente do clima, é apenas um dos fatores envolvidos na preparação. Além do



Pires pedalou de Florianópolis a Garopaba para seguir planilha semanal



Silvy treina de domingo a domingo



Neto perdeu 18 kg na preparação

acompanhamento de um treinador, é fundamental a orientação de outros profissionais. De acordo com o nutricionista esportivo Braian Cordeiro, a alimentação é essencial para garantir a ingestão adequada de calorias e nutrientes e assegurar uma perfeita recuperação muscular e metabólica. "Em esportes comuns se fala que a nutrição corresponde a 40% do seu rendimento. No triatlo, pode equivaler a 60% da sua performance."

Quando começou a treinar, Silvy pesava 94kg, e chegou a ficar com 81kg e 13% de gordura corporal. Neto também perdeu quase 18kg desde seu regresso ao esporte. Em maio de 2012, tinha 27,5% de gordura corporal e reduziu esse índice para 12%.

Como o período de preparo para o Ironman é marcado por um treinamento intenso, o fisioterapeuta Jeison Furlanetto explica que é comum o surgimento de dores musculares e in-

flamações articulares. O papel da fisioterapia na prevenção do desgaste da prova é o de entregar o atleta em ótimas condições muscoesqueléticas para realizá-la. No processo de recuperação, a função é minimizar os efeitos da dor muscular tardia (DMT), que se instala entre 24 e 48 horas pós prova, com massagens relaxantes e drenagem linfática. "Outra recomendação é o banho de imersão em banheira com gelo logo após a maratona", acrescenta.

Com exercícios de domingo a domingo, o trio reserva, no mínimo, três horas do dia para seguir o cronograma de treinos. Normalmente, praticam cada modalidade quatro vezes por semana, intercalando-as. Já virou costume pedalar de manhã, ir para o emprego e, entre uma folga e outra, nadar na piscina de um clube e correr após o expediente. Pires, que trabalha dentro de uma escala onde a cada três dias de turno matutino, o seguinte é na madrugada (19h às 7h), conta que já pedalou de Florianópolis a Garopaba direto do trabalho, para cumprir a planilha da semana.

Os estreantes admitem que não é fácil conciliar família, trabalho e esporte, mas explicam que quando se tem esse objetivo, os treinos começam a ser encarados como qualidade de vida. Como é o primeiro Ironman, eles não têm expectativa em relação ao tempo de prova e reconhecem que podem surgir adversidades no dia, mas já estabeleceram planos para encará-las. Independente do resultado, para o trio, o grande prêmio será ouvir do narrador da prova a frase: "You are an Ironman", ao cruzar a tão sonhada linha de chegada.

Marcela Borges
marcelabdeandrade@gmail.com

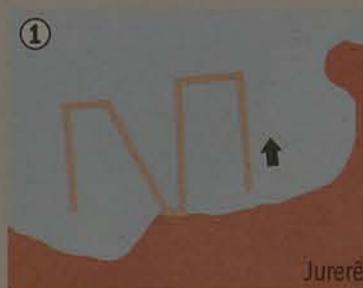
Havaí é o berço do desafio

Em um desprezioso fim de tarde de outubro de 1977, na mesa de um bar em Honolulu (Havaí), nasceu uma das provas mais extenuantes do planeta: o Ironman. Marinheiros questionavam qual era o maior desafio esportivo da ilha. Uns acreditavam que era a The Waikiki Rough Water Swim com 3,8 km de natação, outros afirmavam que eram os 180 km de ciclismo da The Around-Oahu Bike Race e para alguns, eram os 42,195 km da Maratona de Honolulu. No auge da discussão, John Collins, capitão da marinha norte-americana, lançou o desafio: a competição mais árdua seria aquela que reunisse as três provas da região, sequencialmente e em um só dia. "Quem terminar antes todas as modalidades será chamado de ironman". A ideia se concretizou, e no dia 18 de fevereiro de 1978, Collins e mais 14 pessoas se reuniram para a largada do primeiro Ironman. Três participantes não concluíram o trajeto, e após 11 horas 46 minutos e 58 segundos, um motorista de táxi, Gordon Haller, estreou o título de homem de ferro.

Conheça o trajeto da competição

A prova no Havaí, que surgiu como curiosidade em conhecer os limites humanos, foi a responsável por consagrar o triatlo no mundo. No Brasil, a competição acontece desde 1982 e a partir de 2001 passou a ser disputada em Florianópolis. São 226 km de prova para realizar em, no máximo, 17 horas, dependendo da condição física e do preparo do atleta. A inscrição custa em média US\$ 600 e, para garantir um lugar, também é preciso ser rápido. No último ano, as vagas esgotaram em poucos minutos.

Natação
3,8 km



Ciclismo
180 km
2 voltas de 90 km



Corrida
42 km
1 volta longa 21 km
2 voltas curtas 10,5 km



Um barzinho, várias gerações e a história de um garçom beleza

Kayskidum vai fechar, mas Sérgio continuará na ativa

O Kayskidum é Beleza. Ou o Beleza é Kayskidum. Desde quando o bar era um trailer na Avenida Beira-mar Norte, em Florianópolis, sem as paredes de alvenaria ou as mesinhas e cadeiras que ocupam o local hoje, o garçom trabalhava lá — sua carteira foi assinada no dia primeiro de outubro de 1978, quatro anos depois de a lanchonete ter sido criada. As identidades dos dois se misturam ao ponto de um cliente se lembrar de quando o pai o levava “no Beleza” para comer X Salada, ou outro que pensa que o garçom é dono do bar. Não é e nem pretende ser, mesmo agora que o Kayskidum está prestes a fechar.

Sérgio Carlos dos Santos, o Beleza, conquistou e ficou querido entre a população da Ilha por ser um garçom beleza. Segundo sua própria definição, o garçom beleza não é aquele que chega com falsos sorrisos, dando um “boa noite” forçado. Também não é aquele que finge ser amigo, que se intromete na vida do cliente. Tem que saber dosar. E pela quantidade e tipo de histórias que coleciona, Beleza parece ter encontrado o equilíbrio entre servir lanches, ouvir e dar conselhos a clientes.

Sua maior preocupação é em relação ao consumo excessivo de álcool. “Eu sei que, como garçom, meu interesse deveria ser vender, mas não é assim que funciona”. Uma vez, observando que um empresário importante da Ilha estava frequentando o local quase todos os dias e exagerando na cerveja, Beleza sentiu-se obrigado a se intrometer. “Eu falei pra ele, assim, com cuidado: Doutor, posso dar um conselho pro senhor? Você é um cara inteligente, um cara de presença, um cara beleza, tem muita gente que depende do senhor. Agora, imagina como ficaria se alguém visse o senhor aqui nesse estado durante a semana?”. No fim, o empresário agradeceu e seguiu o conselho.

Há também quem durma na mesa, abraçado no lanche. Costuma acontecer pelas 4h da madrugada, quando o bar começa a encher de pessoas voltando de festas, cansadas, esfomeadas e meio bêbadas. O garçom que não é beleza, explica Sérgio, vai até o cliente, dá uma cutucada e diz “não pode dormir na mesa”. “Mas vai fazer isso pra quê? Não tá fazendo baderna, às vezes

De funcionário a conselheiro, Beleza já levou até clientes bêbados para o hospital

é até melhor, né?”. Ele deixa o cara dormir na mesa, ou então o leva até o carro e deixa-o dormindo lá, até a hora que o Kayskidum fecha, por volta das 6h. Em casos extremos, teve até que levar cliente para o hospital — e imitar voz de mulher ao ligar para a casa da namorada do garoto, pois o pai da moça não aprovava o namoro e poderia estar do outro lado da linha.

Além de dar conselhos e cuidar de bêbados, não raro a relação de Beleza com seus clientes ultrapassa as portas de vidro do Kayskidum. Ele conta, tentando esconder o orgulho com um sorriso, as diversas vezes em que foi convidado para festas exclusivas de grandes empresários da cidade. “Mas é sempre a montanha que vem até Maomé, nunca o contrário”. O curioso, porém, é que poucos lhe conhecem como Sérgio, e isso lhe rende algumas situações inusitadas — para não dizer constrangedoras.

A mais recente, que talvez ele demore mais para esquecer, foi na inauguração do hotel Majestic, ao lado da lanchonete. Ele foi à festa com sua esposa, arrumado, de terno e gravata. Na porta, o segurança perguntou por seu nome, naturalmente. “Sérgio Carlos dos Santos”. “Desculpe, senhor, não consta na lista”. Constrangido, Beleza pediu que tentasse o nome de sua esposa. “Desculpe senhor, também não está aqui”. Nervoso, com medo de estar pagando um grande mico, ele pediu, discretamente: “Tenta só mais um então, vê se tem aí Beleza”. Beleza não só estava na lista, como também havia recebido como cortesia uma suíte para passar a noite quando a festa acabasse.

Alguns destes empresários com quem convive há poucos anos sugeriram abrir um bar para Beleza. “Mas eu disse que não. Como é que poderia competir com o meu próprio bar?” Mesmo agora, com Kayskidum

fechando, ele desconversa e dá mil desculpas sobre por que não poderia comprar o local. “Tocar isso aqui não é fácil, é muita coisa, muita coisa, é difícil achar quem esteja disposto a ficar e realmente se dedicar”, afirma, para em seguida começar a contar qualquer outra história sobre a profissão ou o que viu nesses anos trabalhando no local.

Aposentado há sete meses, ele pretende continuar trabalhando como garçom. “Já recebi mais de dez propostas de emprego”, diz, enquanto começa a listar e apontar em direção a locais próximos. Se depender de Beleza, o Kayskidum pode até fechar, mas ele vai continuar sendo um garçom beleza. Em algum outro lugar.

Marília Marasciulo

mariliamarasciulo@gmail.com

